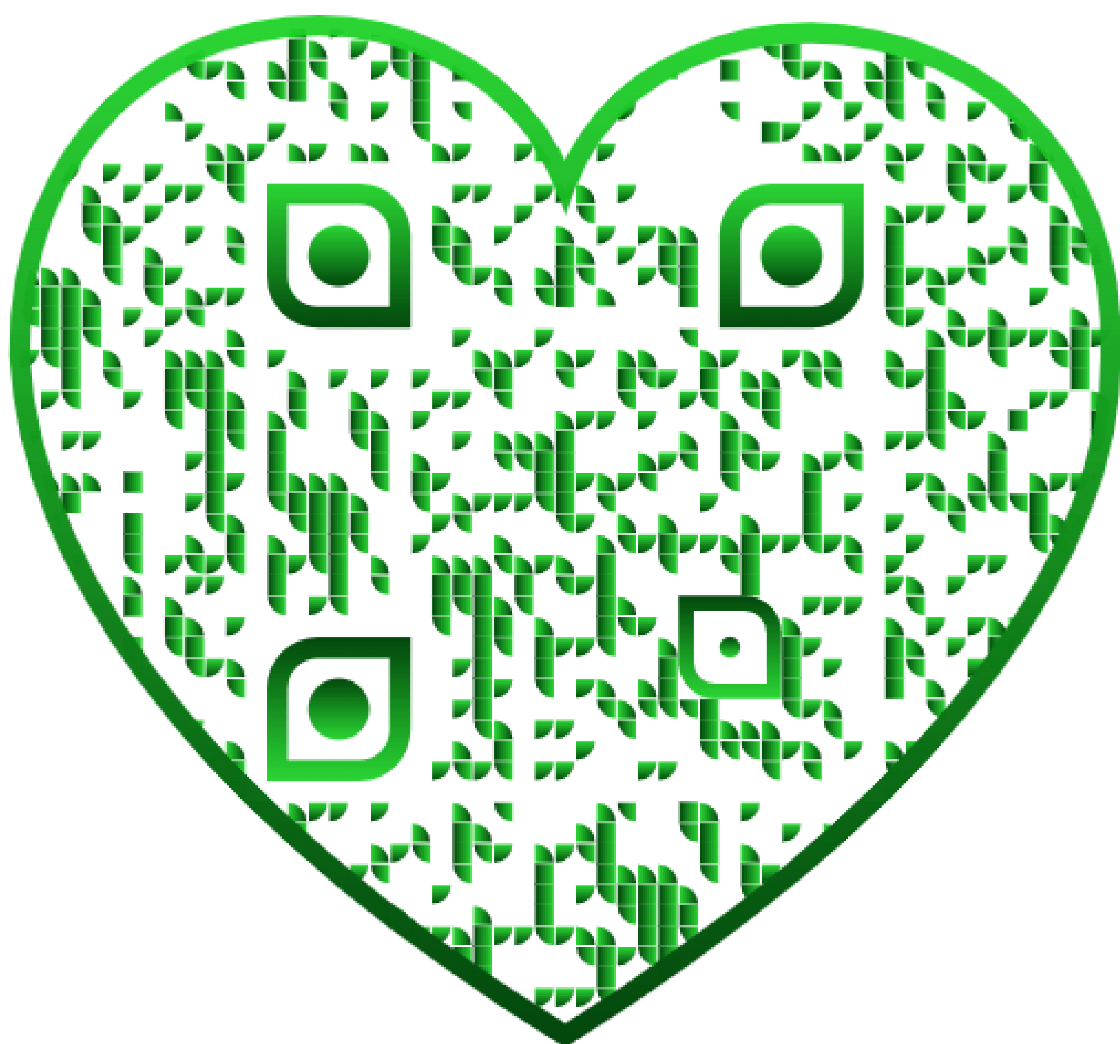
A AVENTURA DO NOBRE ITALIANO

AGATHA CHRISTIE

Poirot e eu tivemos muitos amigos e conhecidos bem pouco convencionais. Entre eles, posso citar um vizinho nosso, o dr. Hawker, um médico. Ele tinha o hábito de visitar-nos de vez em quando, de noite, para conversar com Poirot, cujo gênio admirava intensamente. Homem franco e confiante, o médico não se incomodava em manifestar sua admiração por alguém cujos talentos eram tão diferentes dos seus.

Numa noite em particular, em princípios de junho, ele apareceu por volta das oito e meia e logo se lançou a uma conversa animada sobre o tema bastante ameno da predominância do envenenamento por arsênico nos crimes. Cerca de um quarto de hora havia se passado quando a porta da sala foi subitamente aberta e uma mulher visivelmente aturdida entrou.

- Oh, doutor, estão à sua procura! Mas que voz terrível! Provocou-me um calafrio!



Reconheci imediatamente a visitante: era a srta. Rider, a governanta do dr. Hawker. O médico era solteiro e vivia numa casa velha e lúgubre, a alguns quarteirões de distância. A srta. Rider, uma mulher geralmente plácida, estava naquele momento extremamente nervosa.

- Que voz terrível é essa de que está falando? Quem está me procurando? Qual é o problema?

- Foi pelo telefone, doutor. Atendi ... e uma voz falou: "Socorro... socorro, doutor. Eles me mataram!" E depois a voz pareceu sumir. "Quem está falando?", perguntei. "Quem está falando?" A resposta foi um mero sussurro, e tive a impressão de ouvir "Foscatine" ou algo parecido, e "Regent's Court".

O dr. Hawker deixou escapar uma exclamação de espanto.

- O conde Foscatini! Ele mora num apartamento no Regent's Court. Tenho que ir imediatamente. O que terá acontecido?

- É um paciente seu? - indagou Poirot.

- Tratei-o de uma pequena doença há algumas semanas. É italiano, mas fala inglês perfeitamente. Bem ... tenho que me despedir, M:Poirot. A menos que ... - O dr.Hawker hesitou.

Sorrindo, Poirot disse:

- Já sei o que está pensando, doutor. Terei o maior prazer em acompanhá-lo. Hastings, por gentileza, vá providenciar um táxi para nós.

Os táxis são sempre difíceis quando se está com pressa e mais se precisa deles. Mas finalmente consegui arrumar um, e seguimos para Regent's Park. O Regent's Court era um prédio de apartamentos novo, na St. John's Wood Road.

Fora construído recentemente e dispunha dos serviços mais modernos.

Não havia ninguém no saguão. O médico apertou impacientemente a campainha do elevador e dirigiu-se ansiosamente ao ascensorista:

- Apartamento 11, conde Foscatini. Soube que houve um acidente lá.

O homem ficou surpreso.

- Não sei de nada. O sr. Graves, o empregado do conde Foscatini, saiu há cerca de meia hora e não disse nada.

- O conde está sozinho no apartamento?

- Não, senhor. Dois cavalheiros estão jantando com ele.

- Como são eles? - indaguei, ansiosamente.

Já estávamos no elevador, subindo rapidamente para o segundo andar, onde ficava o apartamento 11.

- Não os vi pessoalmente, senhor, mas ouvi dizer que eram estrangeiros.

O ascensorista puxou a porta de ferro, e saímos para o patamar. O apartamento 11 ficava em frente. O médico tocou a campainha. Não houve resposta. Podíamos ouvir a campainha retinir lá dentro. O médico tocou outra vez e mais outra. Ouvíamos o retinir da campainha, mas nenhum sinal de vida recompensou o esforço insistente.

- O caso está parecendo ser muito sério - murmurou o dr. Hawker.

Virando-se bruscamente para o ascensorista, perguntou: - Existe alguma chave-mestra para esta porta?

- Há uma no escritório do gerente, lá embaixo.

- Pois vá buscá-la. E acho melhor aproveitar para também chamar a polícia.

Poirot aprovou a providência com um aceno de cabeça.

O homem não demorou a voltar, acompanhado pelo gerente.

- Poderiam dizer-me, cavalheiros, o que significa tudo isso?

- Claro! Recebi um telefonema do conde Foscatini dizendo que tinha sido atacado e estava morrendo.

Pode compreender agora por que não há tempo a perder... se é que não chegamos tarde demais.

O gerente entregou imediatamente a chave-mestra.

Abrimos a porta e entramos no apartamento.

Passamos primeiro para um pequeno vestíbulo, quadrado. Uma porta à direita estava entreaberta. O gerente indicou-a com um aceno de cabeça.

- Ali é a sala de jantar.

O dr. Hawker entrou na frente e nós o seguimos. Deixei escapar uma exclamação de espanto ao avistar a cena que estava à nossa espera. A mesa redonda, no centro da sala, ainda exibia os remanescentes de uma refeição. Três cadeiras estavam empurradas para trás, como se seus ocupantes tivessem acabado de se levantar. No canto, à direita da lareira, havia uma grande escrivaninha, à qual estava sentado um homem ... ou o que fora um homem. Sua mão direita ainda segurava a base do telefone, mas ele tombara para a frente, atingido por um violento golpe na cabeça, desfechado por trás. A arma do crime estava ali perto. Uma estatueta de mármore jazia no lugar onde fora deixada, às pressas, com a base manchada de sangue.

O dr. Hawker não levou mais de um minuto para examinar o corpo.

- Está morto. A morte deve ter sido quase instantânea. Fico até admirado de ele ter conseguido chegar ao telefone. É melhor não mexer no corpo até a chegada da polícia.

Por sugestão do gerente, demos uma busca no apartamento, mas o resultado já era previsto. Não era provável que os assassinos pudessem estar escondidos ali, quando tudo o que tinham de fazer era abrir a porta e sair.

Voltamos para a sala de jantar. Poirot não nos acompanhará na busca. Encontrei-o examinando atentamente a mesa redonda, no centro da sala. Fui postar-me a seu lado.

Era uma mesa de mogno, envernizada. Um vaso de rosas decorava o centro, e esteiras brancas, rendadas, repousavam sobre a superfície reluzente. Havia uma travessa de frutas, mas os três pratos de sobremesa não tinham sido tocados.

Havia também três xícaras de café, com restos no fundo, duas de café puro e a terceira de café com leite. Os três homens haviam tomado vinho do Porto, e a garrafa, pela metade, estava diante do prato do meio. Um dos homens fumara charuto, os outros dois, cigarros. Uma caixa de casco de tartaruga e guarnições de prata, contendo charutos e cigarros, estava sobre a mesa, aberta.

Enumerei todos esses fatos para mim mesmo, mas fui forçado a admitir que não contribuíam em nada para esclarecer a situação. Imaginei o que Poirot estaria vendo naquelas coisas para se mostrar tão interessado, e acabei perguntando-lhe.

- Não está entendendo, mon ami. Procuro algo que não estou vendo.

- E o que é?

- Um erro, até mesmo um erro pequeno, da parte do assassino.

Avançando rapidamente até a pequena cozinha adjacente, Poirot deu uma olhada e meneou a cabeça. Virou-se em seguida para o gerente e disse:

- Monsieur, gostaria, por gentileza, que me explicasse o modo como são servidas as refeições.

O gerente foi até uma pequena portinhola na parede.

- Este é o serviço de elevador, que vai até a cozinha, no alto do prédio. Pode-se fazer o pedido pelo telefone, e os pratos são baixados por este elevador, um de cada vez. Os pratos sujos e as travessas são enviados da mesma maneira. Assim, os moradores não precisam ter preocupações domésticas, e ao mesmo tempo evitam a incômoda publicidade de sempre jantarem num restaurante.

Poirot assentiu.

- Isso significa que os pratos e travessas usados aqui esta noite estão lá em cima, na cozinha. Permite que eu suba até lá?

- Claro, se assim o deseja! Roberts, o ascensorista, irá levá-lo até lá e apresentá-lo. Mas receio que não vá descobrir coisa alguma que possa ser interessante. A cozinha cuida de centenas de pratos e travessas, e todos são misturados.

Mas Poirot permaneceu firme, e visitamos juntos a cozinha, interrogando o homem que recebera o pedido do apartamento 11.

- O pedido foi para três pessoas: souppe julienne, files de sole normande, tournedos e um soufflé de arroz. A que horas? Por volta das oito. Não, infelizmente todos os pratos e travessas já foram lavados. Estava pensando em impressões digitais, não é mesmo?

- Não exatamente - respondeu Poirot, com um sorriso enigmático. - Estou mais interessado no apetite do conde Foscatini. Ele se serviu de todos os pratos?

- Claro. Mas não posso dizer o quanto comeu de cada um. As travessas estavam sujas e os pratos, vazios. Isto é, à exceção do soufflé de arroz. Deixaram uma boa quantidade dele.

- Ah! - exclamou Poirot, parecendo bastante satisfeito com a informação.

Ao descermos para o apartamento, meu amigo comentou, em voz baixa:

- Decididamente, estamos lidando com um homem metódico.

- Está se referindo ao assassino ou ao conde Foscatini?

- Não resta a menor dúvida de que o conde Foscatini era um homem metódico. Depois de implorar socorro e anunciar sua morte iminente, desligou cuidadosamente o telefone, pondo o fone no gancho.

Olhei para Poirot. Suas palavras e suas últimas perguntas sugeriram-me uma idéia súbita.

- Desconfia de veneno, Poirot? Será que o golpe na cabeça foi apenas uma simulação?

Poirot limítou-se a sorrir.

Entramos no apartamento e descobrimos que o inspetor de polícia já chegara, acompanhado por dois guardas.

Pareceu ficar ressentido com nossa presença, mas Poirot tratou de acalmá-lo, mencionando nosso amigo da Scotland Yard, o inspetor Japp. Assim, recebemos uma permissão relutante para permanecer no apartamento. E foi muita sorte que

isso tivesse acontecido, pois menos de cinco minutos depois um homem de meia-idade entrou correndo no apartamento, aparentando profundo desespero e nervosismo.

Era Graves, o criado e mordomo do falecido conde Foscatini. A história que ele tinha para contar era sensacional.

Na manhã anterior, dois homens tinham ido visitar seu patrão. Eram italianos, e o mais velho, com cerca de quarenta anos, disse chamar-se signor Ascanio. O mais jovem era um rapaz bem-vestido, com cerca de vinte e quatro anos.

O conde Foscatini estava obviamente esperando pela visita e imediatamente mandara Graves sair, para cumprir alguma missão sem maior importância. Nesse momento, o criado fez uma pausa em sua narrativa e hesitou um momento. Acabou admitindo que, curioso quanto ao objetivo do encontro, não obedecera imediatamente à ordem, demorando-se mais do que o necessário, num esforço para ouvir alguma coisa da conversa.

Mas falavam em voz tão baixa que ele não teve muito sucesso. Porém, deu para ouvir uma ou outra palavra, o suficiente para entender que alguma

proposta monetária estava sendo discutida e que a base era uma ameaça. A discussão não fora absolutamente amigável. Ao final, o conde Foscatini alterara ligeiramente a voz, e Graves ouvira nitidamente as seguintes palavras: "Não tenho tempo para continuar a discutir o assunto neste momento, cavalheiros. Se quiserem jantar comigo amanhã à noite, às oito horas, poderemos retomar a discussão".

Com receio de ser descoberto escutando a conversa, Graves tratou de se retirar, apressadamente, a fim de cumprir a missão de que o patrão o incumbira. Naquela noite, os dois homens haviam retornado pontualmente às oito horas. Durante o jantar, conversaram sobre assuntos superficiais, como política, o tempo e o mundo teatral.

Depois de pôr na mesa o vinho do Porto e servir o café, Graves recebera do patrão o aviso de que poderia tirar folga o resto da noite.

- Esse era um procedimento habitual dele quando recebia convidados? - perguntou o inspetor.

- Não, senhor, não era. Foi isso o que me fez pensar que o conde ia tratar de algum assunto muito sério e fora do comum com aqueles dois cavalheiros.

Graves não tinha mais nada a contar. Saíra por volta das oito e meia e encontrara um amigo, que o

acompanhara ao Metropolitan Music Hall, na Edgware Road.
Ninguém vira os dois homens se retirarem, mas a hora do crime foi fixada com toda a precisão, às oito e quarenta e sete. Um pequeno relógio fora derrubado da escrivaninha a pelo braço do conde Foscatini, parando nessa hora, o que se ajustava ao telefonema de pedido de socorro que a srta. Rider recebera.
O médico da polícia examinou o corpo, que foi colocado em seguida no sofá. Vi o rosto do conde Foscatini pela primeira vez, a pele azeitonada, o nariz comprido, o exuberante bigode preto, os lábios vermelhos e cheios, ligeiramente repuxados, deixando à mostra dentes muito brancos. Não era um rosto dos mais simpáticos.
Fechando seu caderninho de anotações, o inspetor disse:
- O caso parece bastante claro. A única dificuldade será encontrar esse signor Ascanio. Será que o endereço dele não estaria na carteira de documentos do falecido?
Como Poirot dissera, o falecido conde Foscatini era um homem metódico. O inspetor encontrou, escrita numa letra pequena e impecável, a informação que desejava: "Signor Paolo Ascanio, Grosvenor Hotel".

O inspetor foi falar ao telefone e depois virou-se para nós, com um sorriso.

- Bem a tempo. Nosso amigo italiano já estava saindo para pegar o trem que o levaria à costa, de onde tomaria um barco para o continente. Bem, acho que não temos mais nada a fazer aqui. É um caso horrível, mas bastante claro. Aposto como foi uma dessas vendetas italianas.

Assim dispensados, tratamos de descer. O dr. Hawker estava bastante excitado.

- Como o início de uma novela, hein? Uma coisa realmente emocionante! Eu não acreditaria, se lesse a história!

Poirot não fez nenhum comentário. Estava pensativo.

Mal falara durante a noite inteira. Dando-lhe uma pancadinha no ombro, Hawker perguntou:

- O que diz o mestre dos detetives? Não precisa pôr em funcionamento suas pequenas células cinzentas neste caso, não é mesmo?

- Acha que não?

- O que mais há para se explicar?

- Há, por exemplo, o problema da janela.

- A janela? Mas estava trancada! Foi uma das coisas que notei. Ninguém poderia sair por ali.

- E por que notou especialmente a janela?

O médico pareceu ficar desconcertado, e Poirot apressou-se em explicar:

- Estou me referindo às cortinas. Não estavam puxadas, o que é um tanto estranho. E há também o problema do café. Era um café muito forte.

- E o que isso significa?

- Café muito forte e o fato de quase não terem comido o soufflê de arroz ... o que isso pode significar?

- Uma combinação das mais exóticas - disse o médico, rindo. - Está caçoando de mim, M. Poirot.

- Jamais faço isso. Hastings pode confirmar que estou falando sério.

- Mesmo assim, não tenho a menor idéia do ponto aonde está querendo chegar, Poirot - confessei. - Por acaso desconfia do criado? Acha que ele poderia estar mancomunado com a quadrilha e pôr algum narcótico no café? Mas a polícia vai verificar o álibi dele, não é mesmo?

- Sem dúvida, meu amigo. Mas é o álibi do signor Ascanio o que me interessa.

- Acha que ele tem um álibi?

- Justamente isso o que me preocupa. Não tenho a menor dúvida de que logo saberemos de tudo a esse respeito.

O Daily Newsmonger colocou-nos a par de todos os acontecimentos subseqüentes.
O signor Ascanio foi preso e acusado do assassinato do conde Foscatini. Negou sequer conhecer o conde, declarou que nem chegara perto do Regent's Court na noite do crime ou na manhã anterior. O homem mais jovem desaparecera inteiramente. O signor Ascanio chegara sozinho ao
Grosvenor Hotel, dois dias antes do crime, vindo do continente. Fracassaram todos os esforços para localizar o segundo homem.
Ascanio, no entanto, não chegou a ser levado a julgamento. Nada menos que o próprio embaixador da Itália apresentou-se e declarou no inquérito policial que Ascanio estivera em sua companhia na embaixada, das oito às nove horas daquela noite. O prisioneiro foi solto.
Naturalmente, muitas pessoas acharam que o crime era político e estava sendo deliberadamente abafado.
Poirot demonstrara o maior interesse pelo caso. Mesmo assim, fiquei surpreso quando ele me informou subitamente, uma manhã, que estava esperando um visitante para as onze horas e que não era outro senão o próprio Ascanio.
- Ele deseja consultá-lo?

- Du tout, Hastings. Eu é que desejo consultá-lo.
- Sobre o quê?
- Sobre o assassinato no Regent's Court.
- Pretende provar que ele foi o culpado?
- Um homem não pode ser julgado duas vezes pelo mesmo homicídio, Hastings. Procure ter um pouco de bom senso. Ah, deve ser o nosso amigo que está tocando.

Alguns minutos depois, o signor Ascanio foi introduzido na sala. Era um homem baixo e magro, com uma expressão furtiva nos olhos. Ficou de pé, lançando-nos olhares desconfiados.
- M. Poirot?

Meu pequeno amigo bateu de leve no próprio peito.
- Sente-se, signore. Recebeu meu bilhete. Estou decidido a chegar ao fundo desse mistério. E, de certa forma, pode ajudar-me. Vamos começar. Na companhia de um amigo, visitou o falecido conde Foscatini na manhã de terça-feira, dia 9...

O italiano fez um gesto furioso.
- Não visitei ninguém! jurei no tribunal...
- Précisément ... e tenho a leve impressão de que jurou em falso.
- Está me ameaçando? Ora, não tenho nada a temer de você! já fui absolvido!
- Exatamente. E como não sou um imbecil, não é

com a forca que o estou ameaçando... mas sim com a publicidade. Publicidade, entende? Vejo que a palavra não lhe agrada. já imaginava que não lhe agradaria. Minhas impressões são extremamente valiosas para mim. Vamos, signore, sua única chance é ser franco comigo. Não estou querendo saber que indiscrições o trouxeram à Inglaterra. já sei que veio expressamente para falar com o conde Foscatini.

- Ele não era nenhum conde - resmungou o italiano.

- Também já verifiquei que o nome dele não consta do Almanaque de Gotha. Mas isso não tem maior importância. O título de conde é freqüentemente útil na profissão de chantagista.

- Estou percebendo que é melhor dizer tudo, com toda a franqueza. Parece que sabe muita coisa.

- Tenho utilizado minhas células cinzentas com algum proveito. Vamos, signor Ascanio, diga a verdade: visitou o falecido na manhã de terça-feira, não é mesmo?

- Visitei-o. Mas não estive lá na noite seguinte. Não havia necessidade. Vou contar-lhe tudo. Uma determinada informação, a respeito de um homem de grande destaque na Itália, caiu em poder desse canalha. Ele exigiu uma vultosa quantia, em troca dos documentos. Vim à Inglaterra para tratar do

assunto. Marquei um encontro naquela manhã. Um dos jovens secretários da embaixada acompanhou-me. O conde mostrou-se mais cordato do que eu esperava, embora a quantia que eu lhe paguei tivesse sido realmente vultosa.

- Perdoe a interrupção, mas pode dizer-me como efetuou o pagamento?

- Em notas italianas, de valor relativamente pequeno. Paguei na hora. Ele me entregou os documentos comprometedores. E nunca mais tornei a vê-lo.

- Por que não declarou tudo isso quando foi preso?

- Na posição delicada em que eu me encontrava, tinha de negar qualquer associação com o homem.

- Como então pode explicar os acontecimentos da noite seguinte?

- Posso apenas imaginar que alguém se fez passar por mim. Pelo que ouvi dizer, não encontraram o dinheiro no apartamento.

Poirot fitou-o atentamente e sacudiu a cabeça, murmurando:

- Estranho ... Todos nós temos as pequenas células cinzentas. E são bem poucos aqueles que sabem como usá-las. Muito bom dia, signor Ascanio. Acredito em sua história. É praticamente o que eu já tinha imaginado. Mas precisava confirmar.

Depois de se despedir do visitante com uma mesura,

Poirot voltou a refestelar-se em sua poltrona, sorrindo.

- E então, M. le capitaine Hastings, o que acha do caso?

- Creio que Ascanio está certo... alguém se fez passar por ele.

- Ah, mon Dieu, será que você nunca vai usar o cérebro que o bom Deus lhe deu? Procure lembrar-se de algumas palavras que eu disse ao deixar o apartamento, naquela noite. Fiz uma referência ao fato de as cortinas não estarem corridas. Estamos no mês de junho. Ainda há claridade às oito horas. A luz do dia só começa a desaparecer cerca de meia hora depois. Ça vous dit quelque chose?(1) Percebo que algo começa a acontecer dentro de sua mente. Tenho a impressão de que algum dia ainda chegará lá. Mas vamos continuar. O café, como eu disse, estava muito forte. Os dentes do conde Foscatini eram excepcionalmente brancos. O café mancha os dentes. Podemos deduzir, assim, que o conde Foscatini não costumava tomar café. Contudo, havia café nas três xícaras. Por que alguém haveria de simular que o conde Foscatíni tomara café, quando isso não acontecera?

(1) "Isso lhe diz alguma coisa?" Em francês no original. (N. do E.)

Meneei a cabeça, totalmente desconcertado.

- Vamos, mon ami, faça um esforço. Vou ajudá-lo. Qual a prova de que dispomos de que Ascanio e seu amigo, ou talvez duas outras pessoas passando por ambos, estiveram no apartamento naquela noite? Ninguém os viu entrar, ninguém os viu sair. Temos apenas o depoimento de um único homem e um punhado de objetos inanimados.

- Como assim?

- Estou me referindo a facas, garfos, travessas e pratos vazios. Ah, mas foi uma idéia das mais inteligentes! Graves é ladrão e assassino, mas que homem metódico! Ouviu uma parte da conversa pela manhã, o suficiente para compreender que Ascanio ficaria numa situação difícil, constrangedora, e que não poderia defender-se devidamente. Na noite seguinte, por volta das oito horas, diz ao patrão que o estão chamando ao telefone. Foscatini senta-se, estende a mão para o telefone. Por trás, Graves golpeia-o com a estatueta de mármore. Depois, liga rapidamente para a copa e

pede jantar para três! O jantar chega, ele põe a mesa, suja os pratos, garfos, facas, etc. Mas precisa também livrar-se da comida. Não apenas é um homem inteligente, como também possui um estômago amplo e resistente. Mas depois de comer três tournedos, o soufflé de arroz é demais para ele. Chega até mesmo a fumar um charuto e dois cigarros, a fim de completar a ilusão. Ah, mas foi tudo espetacularmente meticuloso e metódico! Depois, moveu os ponteiros do relógio para as oito e quarenta e sete e jogou-o ao chão, fazendo-o parar. A única coisa que não fez foi baixar as cortinas. Mas, se tivesse havido um jantar de verdade, as cortinas teriam sido baixadas assim que a claridade começasse a diminuir. Tudo preparado, Graves saiu apressadamente, mencionando os visitantes ao homem do elevador, na passagem. Foi até uma cabine telefônica e, mais ou menos às oito horas e quarenta e sete minutos, ligou para o nosso dr. Hawker, murmurando as palavras agonizantes do patrão. O plano dele era tão hábil que ninguém se deu ao
trabalho de perguntar se houve algum telefonema do apartamento 11 nessa ocasião.

- Exceto Hercule Poirot, não é mesmo? - indaguei, sarcasticamente.

- Nem mesmo Hercule Poirot - disse o meu amigo; sorrindo. – Mas vou perguntar agora. Tenho que provar minha teoria para você primeiro. Mas vai ver como estou certo. E depois provarei a Japp, a quem já fiz uma insinuação, para que possa prender o respeitável Graves. Será que ele já gastou muito dinheiro?

Poirot estava certo. Ele sempre está, com todos os diabos!